

## Uma visita ao museu Paul Valéry

**Claudio Mano**

Mestre em Ciência da Religião e Bacharel em Filosofia pela UFJF  
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza” da UFJF  
[cmpostal@gmail.com](mailto:cmpostal@gmail.com)

O sol forte e a temperatura de quase 30 graus bem que poderiam nos iludir e, por um momento, fazer pensar que o spray de água do mar que nos atinge o rosto é o mesmo que refresca os banhistas em algum lugar do litoral carioca. Mas não, neste final de verão no hemisfério norte, os respingos que nos molham vem do impacto das ondas do Mediterrâneo contra o quebra-mar do porto pesqueiro da cidade de *Sète*, na França.

O Mediterrâneo tem sido, desde a antiguidade, o caminho natural de idas e vindas tanto para comerciantes e suas mercadorias quanto para o trânsito de povos e culturas. Olhando apenas esta região da França onde nos encontramos, temos, por exemplo, que no ano de 890 os sarracenos invadem a costa da *Provence*. Na direção oposta, em 1248, a sétima cruzada liderada pelo rei Luis IX parte de *Aigues-Mortes* – situada a 50Km ao sul de *Sète* – rumo à Terra Santa. Já em 1947, foi de *Sète* que zarpou rumo à Palestina o navio *Exodus*, com cerca de 4.500 passageiros a bordo, as vésperas da criação do Estado de Israel em 1948.



Localização de Sete em [www.tourisme-sete.com/](http://www.tourisme-sete.com/)



Uma vista de Sète - foto: acervo do autor

Quanto à cidade de *Sète*, ela foi fundada em 1666 com o objetivo de ser o ponto de ligação entre o canal de *Midi* e o mar. Em *Toulouse*, seu local de partida, este canal que foi mandado construir por Luis XIV, encontra-se também com o rio *Garonne* que, em sua marcha até o Oceano Atlântico – canal de *Garonne* –, cria em efeito uma ligação fluvial entre o mar interior e o oceano. Assim, ao caminhar pelas ruas desta aprazível cidade, presente e passado nos vem à mente, se sobrepõem, se complementam e apontam na hipótese de uma coerência extraordinária na cronologia de tantos eventos históricos, da qual, a silhueta das construções enfileiradas à beira das vielas estreitas de *Sète* nada mais é que uma testemunha.

Para amanhã, a planejada visita à praia que se estende ao norte da cidade está fora de questão pois, apesar do céu extremamente azul e despido de nuvens que ora se apresenta, a previsão meteorológica alerta sobre a chegada de uma forte tempestade. Deste modo, a ida a uma exposição temporária com obras dos surrealistas Max Ernest e Yves Tanguy salta para o topo de nossa agenda. De fato, na manhã seguinte, partimos rumo ao museu onde ocorre a exposição debaixo de forte chuva.

A chegada ao museu Paul Valéry causa forte impacto, pois, em meio a uma cidade onde a predominância de construções antigas habitua o olhar dos visitantes, este prédio de concreto e vidro inaugurado em 1970 nos lança mesmo além do século XXI. Essa conjugação cuidadosa e instigante entre o antigo e o novo que com frequência



foto em [museepaulvalery-sete-fr/le\\_musee\\_paul\\_valery\\_php](http://museepaulvalery-sete-fr/le_musee_paul_valery_php)

nos deparamos na Europa, é, por si só, uma obra de arte a ser apreciada. Seu efeito sobre o cérebro dos que vivem essa experiência, em nossa opinião, é similar ao *reset* em um computador, quando todas as memórias retornam a condição inicial de serem preenchidas. No caso em questão, trata-se de romper os elos com o cotidiano levando o visitante a reservar total atenção à visita que se inicia. Vale destacar que Paul Valéry (1871-1945) foi um escritor, poeta e filósofo nascido em *Sète* e que o museu guarda em seu acervo parte de suas obras.

Quanto aos comentários sobre as pinturas expostas nas diversas salas do museu, divididas entre o acervo temporário e o permanente, isso nós declinamos de compartilhar com

os leitores, uma vez que somos apenas apreciadores e não detemos o conhecimento necessário a essa empreitada. Entretanto, uma cena singular nos chamou profundamente a atenção e, por entendermos que se encontra fortemente entrelaçada à própria finalidade da existência deste e de outros museus, passaremos a expô-la.

Estávamos diante da tela de Tanguy intitulada *Le Palais Aux Rochers de Fenêtres*. Este quadro é de 1942, ou seja, pintado durante o período em que transcorriam os sangrentos combates da Segunda Grande Guerra e trata-se, em efeito, de uma forte crítica à carnificina.



le palais aux rochers de fenêtres. Foto : musée national d'art moderne/centre de création industrielle/centre pompidou,Paris

De fato, desde o final da Primeira Guerra, já surgia entre artistas e intelectuais europeus uma visão bastante cética sobre os caminhos seguidos pela civilização, inclusive quanto ao papel da ciência que, longe dos benefícios anunciados, parecia, na verdade, mais atrelado ao sofrimento e a degradação humana, como em sua contribuição à guerra.

Artistas como Tanguy, este era nosso pensamento, face à perplexidade de que o conhecimento que deveria libertar os homens vinha cada vez mais a sufocá-los e escravizá-los, não conseguiam alcançar na natureza explicação para tantos equívocos e atrocidades, passando então a buscar expor ao vivo e a cores aquilo que pensavam se passar no interior da alma humana, onde a raiz do problema deveria se encontrar. Por isso então a escolha do modo surrealista<sup>1</sup> de expressão. Neste ponto, fui despertado de minhas divagações por uma onda que, parecendo partir de dentro da pintura, passou, para minha surpresa, a dela me afastar.

Tratavam-se de cerca de 20 crianças, meninos e meninas com idades em torno de 9 ou 10 anos. Sentavam-se no chão em frente da pintura formando fileiras e a cada nova fileira, as poucas pessoas que se encontravam na sala iam abrindo espaço deslocando-se para trás. Toda essa movimentação, ordeira e silenciosa, deu lugar finalmente a chegada de um adulto que passou a dirigir sua voz à platéia. Certamente tínhamos ali uma especialista em artes, acredito que pertencente à equipe do museu, pois o casal de professores que acompanhava a turma se encontrava em pé, também assistindo a apresentação, quase ao meu lado.

<sup>1</sup> O surrealismo é um movimento artístico surgido na França nos primórdios do século XX que busca, em síntese, a possibilidade de materializar a expressão do próprio pensamento sobre a tela.

A “palestrante”, após uma breve explanação sobre a tela, seu autor e o tempo histórico em que foi confeccionada, indaga aos jovens questões instigantes, como por exemplo: que figuras eles identificavam nas formas expressas na tela? De qual material seriam elas constituídas? A cada pergunta, muitas mãozinhas ávidas de atenção erguiam-se em meio ao grupo. Cada um, aguardando pacientemente sua vez de se expressar, quando então sua opinião era recebida pela orientadora sempre com algum comentário inteligente e pertinente. Dou-me conta então, que ali, naquela sala em companhia do surrealismo de Yves Tanguy, eu não presenciava uma aula de arte, mas sim, uma lição de cidadania. É que, naquele momento, estava sendo infundida nessas crianças as bases do pensamento crítico e reflexivo que permitirá, um dia, a metamorfose de meninos e meninas em homens e mulheres aptos ao exercício da liberdade de consciência, ingrediente fundamental à manutenção e progresso da República que os acolhe e que caberá, também a eles, saber preservar. Por vezes presenciei no Brasil, escolares acompanhados de professores em museus e exposições de arte. Nunca, entretanto, tive a percepção de vê-los romper a barreira do óbvio e do superficial, nunca percebi um compromisso com algo que transcendesse para além de um momento festivo.

Voltando então ao outro lado do Atlântico, nos deparamos com agudas disputas em torno de um novo projeto que teria por objetivo melhorar a qualidade do ensino no Brasil. Mas, afinal, o que entendemos por “educação”? Estamos a tratar de preparar o indivíduo para enfrentar os desafios de uma vida autônoma e em liberdade ou simplesmente visamos um método de condicioná-lo ao conforto dos estreitos limites da subserviência? Entendemos que o cerne da questão, ou seja, que tipo de indivíduo o processo educativo fornecerá à sociedade, esse tema sempre fugiu ao foco do debate, atropelado por estatísticas de desempenho escolar, mercado de trabalho e interesses em sorver vultosas verbas públicas que, em geral, são mal aplicadas. De pouco vale construir museus ou escolas que não cumprem uma finalidade.

Para concluir, insistimos em um ponto já apresentado em artigo anterior<sup>2</sup>, quando insinuamos que, embora o Brasil não seja o pior país do mundo, longe disso, absolutamente nos falta, enquanto sociedade, a habilidade de constituir um olhar crítico sobre nós mesmos e assim permitir desvencilhar-mo-nos da herança despótica que aprisiona nosso espírito. A visita ao museu Paul Valéry, não aponta na direção do reconhecimento de uma sociedade

---

<sup>2</sup> Uma visita ao museu Rousseau. <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/MROUSSEAU.pdf>

mais “civilizada” que poderíamos imitar. Ao contrário, indica que face os problemas que continuamente as sociedades são confrontadas, existem maneiras diversas de enfrentamento destas situações e que, em muitos casos, elas são bem mais adequadas e distintas daquelas, já desgastadas pelo tempo, que teimamos, década após década, em repetir.

[www.ecsbdefesa.com.br](http://www.ecsbdefesa.com.br)

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

